1 - O quando nasce adquire competências para viver na sociedade que o rodeia sendo essas: competências percetíveis, onde a criança nasce detentora de órgãos sensíveis que o facilitam a captação do mundo, mediante a discriminação de estímulos visuais, auditivos, táteis, olfato, etc.

As competências simbólicas estão entre as capacidades que se incluem no património hereditário da criança, conta-se a predisposição para a criação de sistemas linguísticos, meio poderoso de incrementar a evolução do pensamento e a aproximação e interação com as pessoas. As competências relacionais são as tendências para o relacionamento que decorrem entre todas as competências (Simbólicas, cerebrais e percetíveis).

As competências cerebrais são a maturação pré e pós-natal dos mecanismos corticais, em correlação com o desenvolvimento de uma rede complexa de neurónios, que permite a manifestação na criança com capacidades que se consideram especificamente humanas. A ideia de que, muito precocemente, a criança revela sensibilidade e abertura ao ser humano, considerando-se que já nasce predisposta para se relacionar-se com os outros. Apesar de a criança conter estas competências, elas ainda não estão numa forma acabada, precisando de um meio social propicio para as desenvolver.

2. Aspetos essenciais a desenvolver na resposta sobre os casos de «crianças selvagens»: a)- a humanidade não é inata, ou biologicamente causada pela hereditariedade; b)- há períodos críticos, ou fases críticas, relacionadas com a maturação orgânica, particularmente do sistema nervoso, que condicionam a aquisição de competências especificamente humanas, como a capacidade de simbolização (usar conceitos ou representações abstratas para pensar e agir sobre o mundo) e a linguagem. Depois destas fases críticas, a reeducação das crianças selvagens é muito difícil, se não mesmo impossível; c)- por último, deve-se concluir que a humanização é um processo de aprendizagem que deriva, sobretudo, da socialização e da influência cultural.

3. Uma definição direta e simples do conceito de socialização – é o processo de aprendizagem social e cultural que tem em vista a integração plena do indivíduo numa dada sociedade.

4. A socialização primária decorre na infância e na adolescência, leva à aprendizagem de

hábitos básicos indispensáveis para a adaptação dos indivíduos à vida social quotidiana. A

socialização secundária ocorre na idade adulta, quando o jovem se torna autónomo, quer

em relação ao seu núcleo familiar de origem, quer segundo o ponto de vista económico. A

entrada do jovem na vida activa (constituição de família e entrada no mundo do trabalho) são

aspectos que marcam o início da socialização secundária. A exigência de novas aprendizagens

e adaptações, as alterações de estatuto e papel social, enfim, a alteração na condição social

dos indivíduos (por exemplo, casar, ser pai/mãe, trabalhar, pagar impostos, votar, entrar na

idade de reforma, etc.).

5. Conceito de cultura. Existem diversas definições possíveis para esta noção. Podemos

entender cultura como um conjunto de valores materiais e espirituais, de realizações

humanas, compostas por obras (produtos materiais) e saberes (criações espirituais). A

cultura é fruto da inteligência e imaginação humanas, representa o mundo criado por nós,

expressão do nosso modo de adaptação e modificação da natureza. A cultura é um conjunto

de comportamentos, normas e valores que se encontra definido em vários padrões (padrões

de cultura), constitui um património comum de um povo, a sua identidade e características

próprias (história, tradições, língua, costumes, modos de ser, pensar e agir), e que é um legado

transmitido de geração em geração. A cultura é o mundo próprio do humano (só os seres

humanos possuem um mundo) e opõe-se à noção de natureza: é o instrumento de adaptação

humano ao meio e representa um capital de conhecimento indispensável à continuidade da

espécie.

6. A cultura influencia a natureza, levando os seres humanos a corrigi-la e a aumentar a sua eficácia. Há neste aspecto uma relação de complementaridade. Por exemplo, o homem, através da ciência e da tecnologia pode criar melhores cereais por modificação genética, aumentando a sua produção e resistência a doenças. Pela medicina, o homem combate doenças e aumenta a esperança de vida e qualidade das pessoas. O modo como o homem se adapta ao mundo natural, para aproveitar os seus recursos naturais e tentar aperfeiçoá-la, faz-se por meio da cultura. Todavia, a noção de cultura opõe-se à ideia de natureza. A cultura pertence ao domínio do adquirido, do que se aprende e transmite por meio da influência social, regula-se por normas (convenções) racionais, é a marca específica dos seres humanos e é particular (cada cultura é um caso particular da adaptação humana à natureza, de tal modo que não há uma só cultura, mas diversidade de culturas). Por sua vez, a noção de natureza remete para tudo o que no homem se deve ao inato, ao hereditário, refere-se ao domínio do espontâneo (isto é, do instinto), designa tudo o que é comum a todos os animais e é universal (as leis da natureza são comuns a seres vivos e seres humanos).

7. As categorias básicas das condutas culturais são três: 1)- construção de objectos materiais;

2)- produção de relações sociais e 3)- criação de sistemas simbólicos de comunicação. É

suficiente definir de um modo simples cada uma das categorias enunciadas.

8. O conceito de «padrão cultural» representa um conjunto de formas colectivas de

comportamento que permitem fixar uma espécie de “normalidade social”, moldando a

conduta dos indivíduos e permitir o seu carácter previsível de conduta. Os padrões de cultura

estabelecem sistemas de controlo social, incidindo sobre o comportamento das pessoas,

definindo os limites do que é aceitável fazer e o que é absolutamente proibido. Estabelecem

sistemas de sanções (positivas ou negativas) e de expectativas (o que podemos esperar dos

outros e o que os outros podem esperar também de nós próprios).

9. Os padrões culturais são importantes para a vida do ser humano porque permitem regular

o comportamento dos indivíduos – são quadros de referência inculcados na socialização – e

permitem a sua integração social. Determinam uma consciência colectiva de “normalidade

social” e determinam as expectativas dos indivíduos e dos grupos sociais. Ao definir um quadro

de sanções sociais, os padrões de cultura delimitam também os comportamentos que são

tolerados e aprovados e aqueles que são objecto de repulsa, vistos como “tabu”.

10. Existe uma identidade quádrupla no ser humano, na qual destacamos a identidade

específica, a sociocultural, pessoal e cósmica.

A identidade específica diz que nós, seres vivos, temos um cérebro com 1500 cm 3, provenientes de formas elementares de vida que se insinuam na Terra há 38 biliões de anos.

Dessas formas primitivas surgiram, por processos de complexificação crescente; os hominídeos, que com 600 cm3 de capacidade cerebral, já tinham aptidões para andar a pé e fabricar utensílios. Foi necessária a passagem de milhões de anos para que aparecesse o sapiens do qual nós somos descendentes diretos. O atual sapiens sapiens é um ser bípede, bímano e com um cérebro complexo que lhe permite o uso de sistemas simbólicos.

A identidade sociocultural diz que somos seres humanos a viver entre outros seres humanos. Temos a capacidade para nos adaptar a qualquer região e clima da Terra, mas não somos capazes de viver a não ser então seres da nossa espécie. A nossa morada é a sociedade e só nela podemos construir a nossa humanidade, criar técnicos e instrumentos, ideias, palavras, ciências e mitos. Para que isso seja possível, há-que observar certas normas e viver segundo determinados padrões.

A identidade pessoal diz que quando nos propomos a fazer uma abordagem à história pessoal, é neste tipo de identidade que acabamos por desembarcar em virtude de ser a que caracteriza cada pessoa na sua singularidade. Esta identidade refere-se ao facto de cada um de nós ser uma unidade irrepetível, uma organização original que nos individualiza como personalidade singular.

A identidade cósmica, ou seja, cada uma de nós é um ser que se enraíza no universo, fazendo parte integrante dele. Somos constituídos de partículas elementares da natureza material, como carbono, oxigénio e nitrogénio, forjadas há biliões de anos no interior estrelas.

11. As experiências vividas, tal como o sentimento de autorrealização, são noções carregadas de significado pessoal, e são essenciais para construir a nossa personalidade própria. A noção de significado faz a síntese entre o caráter singular entre cada pessoa e a sua situação: a nossa vida é um acumulado de experiências, e estas impregnadas de significados pessoais. O significado pessoal refere-se a um modo de autoconhecimento e de conhecimento dos outros e do mundo à nossa volta – ao atribuir um significado para as nossas experiências, cada ser humano integra os seus modos de ser, agir, pensar, sentir e ver face a si próprio e ao mundo.

12. A auto-organização é uma construção consciente da nossa individualidade, é o modo como a nossa história pessoal integra todas as vivências e influências de factores genéticos e culturais. A auto-organização é o modo como os seres humanos agem para criar ordem e sentido ao conjunto múltiplo de experiências vividas. A auto-organização permite-nos construir um sentido coerente e contínuo, de nós e do mundo envolvente. A auto-organização é o modo próprio como cada um integra na sua história de vida pessoal o fluxo de experiências resultantes do nosso encontro com o mundo – este conceito representa a nossa capacidade de autodeterminação e de autonomia.

13. Desde o momento em que nascemos até que morremos, somos alvo de uma pressão social, isto é, estamos sujeitos a um processo de socialização e de influência cultural. O homem é obrigado a socializar-se, mas é esta obrigação exterior que conduz o homem ao exercício efectivo e pleno da sua liberdade, bem como da sua autonomia pessoal. A pressão social é feita pela socialização, pois interiorizamos o modo de ser, agir e pensar em conformidade como que a sociedade estabelece como «padrão» aceitável para a nossa conduta individual. A pressão social procura moldar a conduta de cada indivíduo e facilitar a sua integração social. Quer isto dizer que deixamos, por assim dizer, de ser livres? A resposta é negativa. Só podemos ser livres em relações sociais de interdependência, em relações que estabelecemos com outros seres humanos – a liberdade é relativa, é um dado relacional, “ser-livre” é “ser-livre-com”, e isso só se torna possível numa sociedade organizada que deixa sempre espaço para cada um, enquanto ser livre, “auto-organizar-se” e, desse modo, definir a sua individualidade nos limites que a própria sociedade impõe exteriormente a cada um.

14. A herança genética liga-se a todos os aspectos que são transmitidos pela ereditariedade, prende-se com a transmissão de caracteres que formam o genótipo de cada indivíduo a um nível estritamente biológico (hereditariedade específica e individual). Por sua vez, a herança, ou legado cultural, é transmitido socialmente e é o produto das aprendizagens que cruzam a influência/contacto de várias gerações de indivíduos. O homem é um ser «bio-socio-cultural», ou seja, uma síntese de genética e de cultura, sendo relevante assinalar que na humanidade a cultura faz regredir a influência das reacções instintivas.

15 - O conceito de riqueza e diversidade humana pode ser explorado criticamente tomando em consideração três aspetos. Um deles é que não há no mundo duas pessoas geneticamente idênticas, havendo diversidade biológica. Outro aspeto é que no mundo humano há diversidade cultural, não há uma cultura única ou padrão, pois a adaptação humana varia no espaço e no tempo, particularizando-se em sociedades que se estruturam de acordo com padrões de cultura diferenciados e variáveis, portanto, referimo-nos à existência de uma diversidade cultural. Por ultimo, há uma diversidade individual, pois as pessoas não estão determinadas a agir de um modo único, não somos seres que se limitam a interiorizar e a reproduzir condutas impostas exteriormente pela sociedade – pelo contrário, dada a nossa complexidade comportamental, cada indivíduo ao adaptar-se à sociedade em que vive torna-se único, singular, irrepetível. Assim, podemos referir a existência de uma diversidade individual.

Trabalho Realizado por:

Alexandre Tomé

Bernardo Jacob

Mário Martins

Miguel Cruz

Paulo Horta

Diogo Madeira

José Miguel Rego